

Conferência do Prelado em Saragoça: Eucaristia e sacerdócio

Conferência de Mons. Fernando Ocáriz, Prelado do Opus Dei, sobre a centralidade da Eucaristia na vida do sacerdote, no evento académico sobre o centenário da ordenação sacerdotal de São Josemaria (Saragoça, 27 de março de 2025).

06/04/2025

Nesta comemoração do centenário da ordenação sacerdotal de São Josemaria, vou deter-me principalmente nuns quantos textos seus, sobre alguns aspetos da relação entre sacerdócio e Eucaristia. São textos que, junto com o seu conteúdo doutrinal, exprimem também a viva experiência da sua alma sacerdotal.

Vou fixar-me primeiro no sacerdócio enquanto ordenado à Eucaristia, depois na importância que esta tem na santificação do sacerdote e, por último, no seu papel na missão pastoral que o presbítero é chamado a realizar.

Sacerdócio para a Eucaristia

A Eucaristia, especificamente o sacrifício eucarístico, é central na vida cristã. São Josemaria resumia-o na expressão “centro e raiz”; por exemplo, no texto seguinte de uma das suas cartas: «Ensinei-vos sempre, filhas e filhos queridíssimos, que a

raiz e o centro da vossa vida espiritual é o Santo Sacrifício do Altar, em que Cristo Sacerdote renova o seu Sacrifício do Calvário, em adoração, honra, louvor e ação de graças à Trindade Beatíssima»^[1].

Esta ideia estava tão metida na sua alma e no seu coração, que a repetiu com frequência oralmente e por escrito^[2]. Ao mesmo tempo, acrescentava que, se o Sacrifício eucarístico é «o centro e a raiz da vida cristã, deve sê-lo, de modo especial, na vida do sacerdote»^[3].

Para São Josemaria deve ter suposto uma profunda alegria que, anos mais tarde, um texto do Concílio Vaticano II tão significativo como o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, ao falar da relação entre sacerdócio e Eucaristia, se servisse dessa mesma expressão ao afirmar que o Sacrifício eucarístico é «o centro e a raiz de toda a vida do presbítero»^[4].

a) Centro e raiz da vida do presbítero

Na realidade, é lógico que se insista neste ponto no caso do sacerdote. Como escreveu Bento XVI, «O vínculo intrínseco entre a Eucaristia e o sacramento da Ordem deduz-se das próprias palavras de Jesus no Cenáculo: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22, 19). De facto, na vigília da sua morte, Ele instituiu a Eucaristia e ao mesmo tempo fundou *o sacerdócio da Nova Aliança*. (...) Ninguém pode dizer “isto é o meu corpo” e “este é o cálice do meu sangue” senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da nova e eterna Aliança (cf. Heb 8-9)»^[5].

O Papa Francisco sublinhou como essa identificação com Cristo sacerdote se estende a toda a vida do presbítero. Este «não pode dizer: “Tomai todos e comei: isto é o meu Corpo entregue por vós” e não viver

o mesmo desejo de oferecer o seu próprio corpo, a sua própria vida pelo povo a si confiado»^[6].

Esta profunda transformação do presbítero está intimamente ligada à Eucaristia. São Josemaria comentava-o numa homilia: «Pelo sacramento da Ordem, o sacerdote torna-se efetivamente apto para emprestar a Nosso Senhor a voz, as mãos, todo o seu ser: é Jesus Cristo quem, na Santa Missa, com as palavras da consagração, transforma a substância do pão e do vinho no Seu Corpo, Alma, Sangue e Divindade. Nisto se fundamenta a incomparável dignidade do sacerdote»^[7].

b) Dignidade e debilidade

A partir destas considerações sobre a relação entre sacerdócio e Eucaristia, entende-se que esta seja ao mesmo tempo o centro para o qual tudo converge e, inseparavelmente, a raiz desta convergência. É *centro*, pois se

é Deus quem atrai a Si em Cristo tudo e todos, a Eucaristia é o lugar em que se dá a oferenda do mundo ao Pai, por Cristo, com Ele e n' Ele. Ao mesmo tempo, «o próprio Cristo põe-se nas mãos dos sacerdotes, que se fazem assim dispensadores dos mistérios – das maravilhas – do Senhor (1Cor 4, 1)»^[8].

É possível na terra uma ação mais elevada? A ação mais própria de Cristo, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, mediador da nova aliança (cf. Heb 2, 17 e 9, 15), fica nas mãos da sua criatura. Por Ele, se eleva o culto de adoração ao Pai, e por Ele chegam os dons divinos aos fiéis.

Assim o exprime o Concílio Vaticano II: os presbíteros «é no culto, ou celebração eucarística que exercem principalmente o seu múnus sagrado; nela, atuando em nome de Cristo e proclamando o Seu mistério,

unem as preces dos fiéis ao sacrifício da cabeça, Cristo (...) oferecendo-se, uma vez por todas, ao Pai, como hóstia imaculada (cf. Heb 9, 11-28)»^[9].

Percebe-se que não possa ser outro o centro da vida do sacerdote. Mais ainda, pode dizer-se que a santa Missa constitui o fim principal da ordenação, o ato no qual «todo o ministério sacerdotal encontra a sua plenitude, o seu sentido, o seu centro e a sua eficácia»^[10].

É certo que a dignidade do *sacerdócio* se encontra com a consciência que tem *cada sacerdote* da sua própria indignidade, e isso mesmo constitui o primeiro motivo para procurar viver muito unido ao Senhor^[11]. Dentro da celebração da Eucaristia, as orações que o sacerdote reza em segredo e nas quais se dirige em nome próprio ao Senhor ajudam-no, como recorda o Missal, a ser consciente da sua

missão, e assim poder realizá-la com mais atenção e piedade. Essas orações têm habitualmente carácter penitencial e encontramo-las em momentos-chave da celebração eucarística: antes de proclamar o Evangelho, ao concluir o Ofertório e ao preparar-se para entrar na grande Oração eucarística, ao dispor-se para comungar o Corpo e Sangue de Cristo.

O sacerdote é consciente de que, pela graça que recebe na ordenação e pela ação do Espírito Santo na Igreja, ao aproximar-se do altar, não é ele a preparar-se para celebrar o culto ao Pai, mas sim o próprio Cristo que, nele, «renova no altar o seu divino Sacrifício do Calvário»^[12]. O gesto externo de revestir-se com os paramentos sacerdotais recorda ao celebrante esta verdade. Com efeito, ao vestir os paramentos, manifesta o acontecimento interior e a tarefa que dele deriva: revestir-se de Cristo,

entregar-se a Ele como Ele se entregou por nós. Os paramentos não são sinais de poder ou de superioridade: são símbolos que recordam a todos – e, em primeiro lugar, aos próprios sacerdotes – que agora não estão a atuar como pessoas particulares, mas sim *in persona Christi* e também *in persona ecclesiæ*. Desse modo, as vestes sagradas recordam também que os celebrantes não são donos, nem da celebração nem da comunidade, mas servidores^[13].

c) *Eucaristia e outras funções sacerdotais*

A centralidade da Eucaristia na vida do presbítero não é obstáculo para afirmar, como faz o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, que os presbíteros «têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus»^[14]. E isto, não só porque a pregação do Evangelho precede

cronologicamente a celebração da Eucaristia, mas também e acima de tudo porque a pregação conduz à Eucaristia, e desta – de Cristo que se entrega à Igreja – retira a força de ser palavra de vida eterna (cf. Jo 6, 68)^[15]. De facto, como considerarei mais tarde, toda a atividade do sacerdote brota da Eucaristia como de sua fonte mais íntima. A celebração da Eucaristia não é a única função sacerdotal; no entanto, entende-se que seja a sua missão principal e mais constitutiva, também porque nela se resumem todos os mistérios da fé cristã.

Eucaristia e santificação do sacerdote

Considerando o que é a Eucaristia, entende-se bem que São Josemaria tenha escrito: «O sacerdócio pede – pelas funções sagradas que lhe competem – algo mais do que uma vida honesta: exige uma vida santa

naqueles que o exercem, por estarem constituídos em mediadores entre Deus e os homens»^[16].

a) Eucaristia e conformação com Cristo

Na configuração com Cristo Cabeça, própria do ministério ordenado, o Decreto *Presbyterorum Ordinis* indica que os sacerdotes «pelos ritos sagrados de cada dia e por todo o seu ministério exercido em união com o Bispo e os outros sacerdotes, eles mesmos se dispõem à perfeição da própria vida»^[17].

Sacrifício eucarístico, no qual realiza a sua missão ou função principal, é ao mesmo tempo para o sacerdote – como para todo o cristão – o principal meio de santificação, de identificação com Cristo. Com palavras de Bento XVI: «se vivida com atenção e fé, a Santa Missa é formadora no sentido mais profundo do termo, enquanto promove a

configuração a Cristo e reforça o sacerdote na sua vocação»^[18].

Este aspeto formador profundo, que a própria celebração tem, torna-se lógico ao ter presente que «as palavras e os ritos litúrgicos são expressão fiel, amadurecida ao longo dos séculos, dos sentimentos de Cristo, nos ensinando a ter os mesmos sentimentos que Ele; conformando o nosso pensamento com as suas palavras, elevamos ao Senhor o nosso coração»^[19]. A Santa Missa torna-se assim uma *escola de vida*.

Por outro lado, a identificação com Cristo na própria celebração leva, por vezes, a que «o Senhor nos faça descobrir em que pontos devemos melhorar, que defeitos precisamos de extirpar e como há de ser o nosso convívio, íntimo e fraterno, com todos os homens»^[20].

Deste modo, portanto, na celebração e por diferentes vias, a existência do sacerdote vai-se tornando uma *existência eucarística*. Não só porque se alimente da Eucaristia e tenha a sua celebração como ato central da sua vida, mas também porque, em tudo, o sacerdote vive na mesma atitude com que Cristo se faz alimento dos seus irmãos, os homens.

b) Partir da Trindade para levar o mundo à Trindade

Alargando um pouco o olhar, compreendemos que no encontro com Cristo na Eucaristia se recebe «a própria doação da Trindade à Igreja»^[21]. Efetivamente, a Santa Missa é a ação em que se manifesta maximamente o amor da Trindade. «A oração ao Pai – explica São Josemaria – é constante. O sacerdote é um representante do Sacerdote eterno, Jesus Cristo, que é ao mesmo

tempo a Vítima. E a ação do Espírito Santo não é menos inefável nem menos certa. *Pela virtude do Espírito Santo, escreve São João Damasceno, dá-se a conversão do pão no Corpo de Cristo»*^[22]. Na Eucaristia, a pessoa humana diviniza-se, e da Eucaristia brota a alegria, fruto do Espírito Santo, característica da existência cristã.

A Eucaristia é, pois, a realidade em torno da qual se articula a vida espiritual do presbítero: é a sua raiz e o seu centro, a sua fonte e a antecipação sacramental da sua meta definitiva. Esta centralidade e radicalidade concede ao cristão, e concretamente ao sacerdote, a capacidade de converter toda a atividade quotidiana em culto a Deus. Este é um ensinamento em que São Josemaria insistiu, especialmente ao dirigir-se a fiéis correntes, com um trabalho no meio do mundo, pois incumbe a todos aqueles que

participam no sacerdócio de Cristo, quer no sacerdócio comum, quer no sacerdócio ministerial.

O sacerdote é consciente de ter sido escolhido entre as suas irmãs e irmãos para apresentar ao Pai a oferenda da Igreja, que Cristo mesmo assume e torna própria. Neste sentido, São Josemaria esforçava-se por fazer do dia *uma Missa*, procurando que esse ato de culto fosse transbordando, como ele mesmo ensinava, em jaculatórias, em visitas ao Santíssimo, em oferecimento do trabalho e das relações quotidianas^[23].

c) Dom e tarefa

Que a Eucaristia seja efetivamente o centro e a raiz da vida do presbítero constitui não só um *dom*, mas também uma *tarefa* pessoal de correspondência ao que se recebeu de Deus. São João Paulo II escreveu numa das suas Cartas de Quinta-feira

Santa aos sacerdotes: «Celebremos sempre com fervor a Santa Eucaristia. Detenhamo-nos com frequência e prolongadamente em adoração diante de Cristo eucarístico. De algum modo inscrevamo-nos na “escola” da Eucaristia»^[24].

Os detalhes em que se pode manifestar o desejo de cuidar a santa Missa são inúmeros, tal como é criativa a capacidade de amar que tem uma pessoa. O importante é não perder de vista que, como pregava São Josemaria, «a vida litúrgica é vida de amor; amor a Deus Pai, por Jesus Cristo no Espírito Santo, com toda a Igreja»^[25]. Esse amor não é uma realidade abstrata, mas muito concreta: encarnada. O fundador do Opus Dei gostava de repetir que «temos de ser muito humanos, porque, se não, também não podemos ser divinos»^[26]. E explicava os de modo muito eloquente: «Mas reparai: Deus não nos declara: em

vez do coração, dar-vos-ei uma vontade de puro espírito. Não, dá-nos um coração, e um coração de carne, como o de Cristo. Não tenho um coração para amar a Deus e outro para amar as pessoas da Terra. Com o mesmo coração com que amo os meus pais e estimo os meus amigos, com esse mesmo coração amo Cristo, e o Pai, e o Espírito Santo e Santa Maria»^[27].

O amor do sacerdote à santa Missa, o esforço por lhe dar a centralidade que objetivamente lhe corresponde, pode ser expresso de mil modos distintos. Por exemplo, São Josemaria costumava dividir o dia em duas partes: a primeira metade para dar graças pela Comunhão, e a outra metade, para se preparar para o dia seguinte.

Outro aspecto em que queria fixar-me era no seu convite recorrente a celebrar a Eucaristia com calma.

Torna-se muito atual essa sugestão, neste mundo marcado pela distração e pela pressa. Em tom muito pessoal, contou a um grupo de sacerdotes algo que vivera recentemente, durante uma cerimónia universitária: «Enquanto não chegava a minha vez de falar, estive a pensar muito no amor dos sacerdotes a Nosso Senhor, e como não lho sabemos mostrar porque temos quase sempre muita pressa. Demasiada! Os apaixonados não a têm. Reparai como se acompanham, uma vez e outra... Não se decidem a separar-se». E, a seguir, encorajava-os: «Celebrai a Santa Missa com calma. Que esperem! Faremos depois um trabalho esplêndido, se tivermos sabido não ter pressa, porque verdadeiramente, *in persona Christi*, realizamos uma profunda tarefa sacerdotal»^[28].

d) Acompanhar o Senhor no sacráio

Junto com a celebração da santa Missa, em que se efetua de modo especial a relação pessoal do sacerdote com a Eucaristia, a presença permanente de Cristo no Sacrário constitui um recordatório constante para dar a toda a existência uma orientação eucarística precisa.

A Eucaristia é para o sacerdote uma presença viva que consola e dá firmeza. Como escreveu São João Paulo II: «Ao longo dos séculos, muitos sacerdotes encontraram nela o conforto prometido por Jesus na noite da Última Ceia, o segredo para vencer a sua solidão, o apoio para suportar seus sofrimentos, o alimento para retomar o caminho depois do desalento, a energia interior para confirmar a própria decisão de fidelidade»^[29].

Na biografia de São Josemaria são importantes, já na sua adolescência

em Logronho, os longos períodos que passava em oração, de tarde, junto do sacrário de *La Redonda*.

Encontrando-os agora em Saragoça, é impossível não recordar as noites que passou em oração numa das tribunas que davam para o presbitério da igreja do Seminário de São Carlos. Manteve essa mesma devoção ao largo dos anos, e é conhecido o modo como promoveu o culto eucarístico, em momentos em que em muitos sítios se punha em dúvida a fé da Igreja.

Numa das suas viagens à América, recomendava aos sacerdotes que fizessem muita companhia ao Santíssimo Sacramento. Queria que em todos aumentasse a piedade eucarística, e fazia-lhes notar que «sem o fazer para que vos vejam as pessoas da vossa igreja, os fiéis da vossa paróquia, não vos deve importar que vos vejam. Se estais pendentes do Senhor, e as pessoas

conhecem o vosso amor, perguntar-vos-ão os motivos; e podeis falar então desse enamoramento que tem de vos encher toda a vida»^[30].

Como se deduz destas simples palavras, a correspondência do sacerdote ao dom eucarístico, como centro da sua vida espiritual, transborda na ação guiada pela caridade pastoral.

Eucaristia e caridade pastoral

A caridade pastoral leva a que o sacerdote seja servidor de todos. Numa das suas cartas, São Josemaria escrevia que os sacerdotes, «seguindo o exemplo do Senhor – que não veio para ser servido, mas para servir: *non veni ministrari, sed ministrare* (Mt 20, 28) –, temos de saber pôr os nossos corações no chão, para que os outros pisem em macio»^[31]. Esta atitude não nasce de uma mera decisão ética, tem antes a sua fonte na relação pessoal com

Deus, com esse Deus que se rebaixa e se entrega até ao ponto de se tornar alimento da sua criatura na Eucaristia.

a) Uma existência eucarística

A força espiritual para viver a própria vida como uma entrega aos outros surge eminentemente da união com o próprio Jesus Cristo no sacrifício eucarístico^[32]. Nele, torna-se sacramentalmente presente o sacrifício da Cruz, dom total de Cristo à sua Igreja, como testemunho supremo do seu ser Cabeça e Pastor, Servo e Esposo. Deste modo, a Eucaristia é *raiz* e *centro* também da dimensão pastoral da vida do presbítero. Em palavras de São João Paulo II: «a caridade pastoral do sacerdote não apenas brota da Eucaristia, mas encontra na celebração desta a sua mais alta realização, da mesma forma que da Eucaristia recebe a graça e a

responsabilidade de conotar em sentido *sacrificial* a sua inteira existência»^[33]. Dito de outro modo, o sacerdote é chamado a viver uma *existência eucarística*, isto é, uma vida à imagem do sacrifício de Cristo que celebra na santa Missa. O Papa Francisco fazia-o notar no Jubileu dos Sacerdotes do ano de 2016: «na Celebração Eucarística, reencontramos todos os dias esta nossa identidade de pastores. De cada vez podemos fazer verdadeiramente nossas as suas palavras: “*Este é o meu corpo que será entregue por vós*”. É o sentido da nossa vida, são as palavras com que, de certa forma, podemos renovar diariamente as promessas da nossa Ordenação»^[34].

Em última análise, a caridade pastoral, conferida ao sacerdote no sacramento da Ordem, é um dom que se atualiza em cada Eucaristia e que deve traduzir-se no dia a dia

num comportamento correspondente.

b) Correspondar ao dom recebido, conformar-se com esse dom

Ao celebrar a Eucaristia, é preciso procurar identificar-se com a entrega de Cristo, encarnando-a na própria vida. São Josemaria explicitava-o de modo gráfico numa das suas homilias: «quem não lavra o terreno de Deus, quem não é fiel à missão divina de se entregar aos outros, ajudando-os a conhecer Cristo, dificilmente conseguirá entender o que é o Pão eucarístico. Ninguém gosta daquilo que não lhe custou esforço»^[35].

Desenvolvia depois essa ideia servindo-se de uma imagem da Escritura, e pondo a tônica na identificação com Jesus Cristo: «Para apreciar e amar a Sagrada Eucaristia, é preciso percorrer o caminho de Jesus; sermos trigo, morrermos para

nós próprios, ressuscitarmos cheios de vida e darmos fruto abundante: cem por um! Esse caminho resume-se numa única palavra: amar. Amar é ter o coração grande, sentir as preocupações dos que estão à nossa volta, saber perdoar e compreender: sacrificar-se, com Jesus Cristo, por todas as almas»^[36].

E São Josemaria concluía: «Para amar desta maneira, é preciso que cada um expulse da sua vida tudo o que estorva a Vida de Cristo em nós: o apego à nossa comodidade, a tentação do egoísmo, a tendência à exaltação pessoal. Só reproduzindo em nós a Vida de Cristo, poderemos transmiti-la aos outros; só experimentando a morte do grão de trigo, poderemos trabalhar nas entranhas da terra, transformá-la por dentro, torná-la fecunda»^[37].

Se a Eucaristia for para o sacerdote o lugar “central e radical” da sua

identificação com Cristo e com o seu dom salvífico, a caridade pastoral levá-lo-á necessariamente a conduzir os fiéis a esta mesma fonte de vida, na qual está também o exercício principal do sacerdócio comum dos fiéis. O sacerdote pode fazer isso não só com a sua pregação, mas também “vivendo” ele próprio a Missa com esta fé: celebra a Eucaristia pela Igreja e em presença da Igreja – mesmo se o povo não participar – e também por isso a sua vida está chamada a imitar o sacrifício de Cristo, que «amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela» (Ef 5, 25).

Em suma, o ministro não pode limitar-se a ser um canal inerte por onde passam a palavra e os sacramentos da Igreja: deve adaptar a sua vida ao carácter sacramental que recebeu, que o conforma com Cristo, orientando toda a sua existência para essa entrega plena

que encontra o seu centro e raiz na celebração da Eucaristia em benefício de toda a Igreja. «Um sacerdote – afirma São Josemaria – que vive deste modo a Santa Missa – adorando, expiando, impetrando, dando graças, identificando-se com Cristo –, e que ensina os outros a fazer do Sacrifício do Altar o centro e a raiz da vida do cristão, demonstrará realmente a grandeza incomparável da sua vocação, esse carácter com que foi selado, e que não perderá por toda a eternidade»^[38].

Quanto mais se comprehende a lógica da Cruz presente na santa Missa, mais se vive o ministério como dom total de si mesmo. Referindo-se à graça própria da plenitude do sacerdócio, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: «Esta graça impele-o a anunciar o Evangelho a todos, a ser o modelo do seu rebanho, a ir adiante dele no caminho da

santificação, identificando-se na Eucaristia com Cristo sacerdote e vítima, sem recear dar a vida pelas suas ovelhas»^[39].

c) Viver para os irmãos, viver para a Igreja

Os sacerdotes – imitando aquilo de que se ocupam: a entrega total de Cristo – obtêm da Eucaristia a força espiritual necessária para se sacrificarem com gosto ao serviço dos seus irmãos, especialmente pelos que mais o necessitarem, por aqueles que são “descartados” pelo mundo.

Com efeito, a existência eucarística do sacerdote exprime-se em mil detalhes de atenção e de cuidado. Manifesta-se especialmente na misericórdia com que acolhe os que vêm à Igreja à procura da reconciliação, e no amor com que vai em busca dos que não conhecem Cristo ou se afastaram d'Ele. Através de todos os aspectos do seu ministério,

prepara e guia todas as pessoas para o encontro com Jesus na Eucaristia, consciente da necessidade que todos temos de um encontro pessoal com Jesus Cristo.

Finalmente, convém considerar que a centralidade e a radicalidade da Eucaristia no ministério do presbítero, como dom e como tarefa, tem uma dimensão eclesial evidente e essencial, visto que «a Eucaristia, na qual o Senhor nos dá o seu Corpo e nos transforma num só Corpo, é o lugar onde permanentemente a Igreja se exprime na sua forma mais essencial: presente em toda a parte e, no entanto, sendo só *uma*, como *um* é Cristo»^[40].

A dupla dimensão universal e particular da Igreja projeta-se também sobre o ministério sacerdotal, e é principalmente na Eucaristia que o sacerdote pode e deve sentir solicitude por toda a

Igreja e, com a Igreja e na Igreja, solicitude por todo o mundo. Neste sentido, o sacerdote no altar, como Cristo no Gólgota, carrega sobre si o peso das necessidades, das dificuldades, dos sofrimentos de toda a humanidade^[41]. O Papa Francisco referia-se a esta mesma ideia: «O sacerdote celebra levando sobre os ombros o povo que lhe está confiado e tendo os seus nomes gravados no coração. Quando envergamos a nossa casula humilde pode fazer-nos bem sentir sobre os ombros e no coração o peso e o rosto do nosso povo fiel, dos nossos santos e dos nossos mártires, que são tantos neste tempo»^[42]. O Sacrifício eucarístico não é só um grande bem para o sacerdote, mas também constitui o seu ministério principal para o bem de todos^[43].

Conclusão

O sumo sacerdote é só Cristo, que com o Sacrifício da Cruz dá vida à comunidade dos fiéis e assegura a sua presença vivificante a toda a Igreja na celebração eucarística. Na Eucaristia, o Senhor reúne visivelmente o seu Povo sacerdotal, destinado a louvar a Deus, exercendo o sacerdócio batismal.

Cristo, como Cabeça da Igreja, torna-se presente nela através dos seus ministros; daqueles que, em virtude do sacramento da Ordem, são constituídos instrumentos Seus para o bem de todo o Povo de Deus. A Igreja, uma vez gerada pela ação do Espírito Santo, mediante a pregação, o Batismo e a celebração do santo Sacrifício, continua a viver, expande-se e difunde-se graças à força da Eucaristia, que é o ato supremo de culto e a fonte principal de salvação, da entrega de Deus por nós.

«Compreende-se assim – diz São Josemaria – que a Missa seja o Centro e a raiz da vida espiritual do cristão. É o fim de todos os sacramentos. Na Santa Missa, a vida da graça encaminha-se para a sua plenitude, que foi depositada em nós pelo Batismo, e que cresce, fortalecida pela Confirmação»^[44].

Não queria terminar estas considerações sem uma referência à Santíssima Virgem. No artigo que São Josemaria escreveu em 1974 sobre Nossa Senhora do Pilar, lê-se: «Para mim, a primeira devoção mariana – gosto de o ver assim – é a Santa Missa».

E explicava a seguir o modo como via a presença de Maria no santo sacrifício: «Em cada dia, ao descer Cristo às mãos do sacerdote, renova-se a sua presença real entre nós com o seu Corpo, com o seu Sangue, com a sua Alma e com a sua Divindade: o

mesmo Corpo e o mesmo Sangue que tomou do ventre de Maria. No Sacrifício do Altar, a participação de Nossa Senhora evoca em nós o silencioso recato com que acompanhou a vida do seu Filho, quando andava pela terra da Palestina. (...) Nesse insondável mistério, adverte-se veladamente o rosto puríssimo de Maria, Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa de Deus Espírito Santo»^[45].

Por isso, concluía: «Intimar com Jesus, no Sacrifício do Altar, traz consigo necessariamente intimar com Maria, Sua Mãe. Quem encontra Jesus, encontra também a Virgem sem mancha»^[46].

[1] *Carta número 10*, n. 11 (o itálico é nosso). Os textos em que não for citado o autor são de São Josemaria.

[2] cf., por exemplo, *Carta número 25*, n. 5.

[3] *Amar a Igreja*, n. 43.

[4] Concílio Vaticano II,
Presbyterorum Ordinis, n. 14.

[5] Bento XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 23.

[6] Francisco, *Desiderio desideravi*, n. 60.

[7] *Amar a Igreja*, n. 39.

[8] *Ibid.*, n. 34.

[9] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 28; cf. *Presbyterorum Ordinis*, n. 2.

[10] *Carta número 26*, n. 18.

[11] cf. *Amar a Igreja*, n. 39.

[12] *Ibid.*, n. 44.

[13] O celebrante deve, efetivamente, conjugar o eu e o nós. Há uma dupla perspetiva do ministério sacerdotal: representa sacramentalmente Cristo, «único mediador entre Deus e os homens» (1Tim 2, 5) que reúne e conduz o seu povo, e representa também a Igreja, a cujo serviço realiza a sua ação.

[14] Concílio Vaticano II,
Presbyterorum Ordinis, n. 4.

[15] cf. *ibid.*, n. 5.

[16] *Carta* 02/02/1945, n. 4.

[17] cf. Concílio Vaticano II,
Presbyterorum Ordinis, n. 12.

[18] Bento XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 80.

[19] Congregação para o Culto Divino, *Redemptionis sacramentum*, n. 5.

[20] *Cristo que passa*, n. 88. Neste texto, São Josemaria continuava a sua homilia mostrando, com a sua catequese mistagógica, que a Santa Missa é formativa no sentido mais profundo da palavra.

[21] *Cristo que passa*, n. 87.

[22] *Ibid.*, n. 85.

[23] cf. *Forja*, n. 69.

[24] São João Paulo II, *Carta aos sacerdotes*, *Quinta-feira Santa* de 2000, n. 14.

[25] citado em E. Burkhart-J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 472.

[26] *Cristo que passa*, n. 166.

[27] *Ibid.*

[28] *Dos meses de Catequesis*, vol. II, p. 755-757.

[29] São João Paulo II, *Carta aos sacerdotes, Quinta-feira Santa de 2000*, n. 14.

[30] citado em Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, DIEL, Lisboa 2000, p. 199.

[31] *Carta número 10*, n. 20.

[32] cf. Concílio Vaticano II, *Presbyterorum Ordinis*, n. 14.

[33] São João Paulo II, *Pastores dabo vobis*, n. 23.

[34] Francisco, *Homilia*, 03/06/2016.

[35] *Cristo que passa*, n. 158.

[36] *Ibid.*

[37] *Ibid.*

[38] *Amar a Igreja*, n. 49.

[39] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1586.

[40] Congregação para a Doutrina da Fé, *Communionis notio*, n. 5.

[41] cf. Javier Echevarría, *Para servir a la Iglesia. Homilías sobre el sacerdocio*, Rialp, Madrid 2001, p. 58.

[42] Francisco, Homilia na Santa Missa Crismal, 28/03/2013.

[43] cf. Concílio Vaticano II, *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.

[44] *Cristo que passa*, n. 87.

[45] *La Virgen del Pilar*, n. 18; em “*Escritos varios*” p. 289-290.

[46] *Ibid.*, n. 19.

Fernando Ocáriz

do-prelado-em-saragoca-eucaristia-e-
sacerdocio/ (20/02/2026)